



A PEDAGOGIA TEATRAL ARTE E COMUNIDADE EM DIALOGO COM O TEATRO DO OPRIMIDO

THEATRE PEDAGOGY ART AND COMMUNITY IN DIALOGUE WITH THEATRE OF THE OPPRESSED

Amanda Aguiar Ayres¹

Professora do curso de Teatro-UEA

Resumo: O presente artigo propõe repensar a Floresta - sua composição, no contexto do Programa Arte e Comunidade e as possíveis contribuições da Árvore do Teatro do Oprimido (T.O) para a criação dessa estrutura de reflorestamento na perspectiva Amazônica. O Programa Arte e Comunidade nasce em 2013, já a sua árvore é criada em 2015. Em princípio, a composição da Árvore foi desenvolvida a partir das nossas Ações-Reflexões-Criações em processo. Ela foi desenhada para-com-por e re-com-por processos artísticos pedagógicos levando em consideração as nossas metodologias e experiências de diálogo junto às comunidades Amazônicas. Contudo, ainda que a nossa árvore, em seu momento de composição, não tenha estabelecido relações diretas com a árvore do Teatro do Oprimido, no atual estado de pesquisa, proponho o diálogo entre as metáforas propostas tanto pelo T.O como pelo Arte e Comunidade. Ensejo, com isso, identificar possíveis pontos em comum e singularidades na estruturação artístico-pedagógica composta pelo Programa.

Palavras-chave: Arte e Comunidade, Pedagogia Teatral, Árvore, Teatro do Oprimido.

Abstract: This article proposes a rethinking of the Forest—its composition—in the context of the Art and Community Program and the potential contributions of the Theater of the Oppressed (T.O.) Tree to the creation of this reforestation structure from an Amazonian perspective. The Art and Community Program was established in 2013, and its tree was created in 2015. The Tree's composition was initially developed based on our ongoing Actions-Reflections-Creations. It was designed to compose and recompose artistic-pedagogical processes, taking into account our methodologies and experiences of dialogue with Amazonian communities. However, although our tree, at the time of its composition, did not establish direct relationships with the Theater of the Oppressed tree, at the current stage of research, I propose a dialogue between the metaphors proposed by both T.O. and Art and Community. This will allow me to identify potential commonalities and singularities in the artistic-pedagogical structure of the Program.

Keywords: Art and Community, Theater Pedagogy, Tree, Theater of the Oppressed.

¹ Professora de Teatro - UEA, Diretora Teatral, Atriz e Pedagoga. Doutora em Artes Cênicas - UFBA. Mestrade e Especialista em Educação - UnB. Graduada em Artes Cênicas - UnB e em Pedagogia pela Faculdade Catedral. Atua principalmente nos seguintes eixos: Teatro, Comunidade, Cultura Popular, Pedagogia do Teatro e Educação.



1 INTRODUÇÃO: AS SEMENTES

O artigo tem por objetivo apresentar parte dos princípios que fundamentam a Pedagogia Teatral Arte e Comunidade e as possíveis contribuições que ela pode oferecer para a área de conhecimento proposta. Para tanto, busco por meio da fisiologia que compõe a Árvore do Arte e Comunidade criar metáforas representativas que facilitem o processo de compreensão de nossa Pedagogia Teatral.

Nessa primeira etapa introdutória “As sementes” realizo uma síntese do que será apresentado em cada um dos tópicos que compõem o artigo. Já no segundo tópico “O aprofundamento das raízes: A Pedagogia do Teatro no contexto do Arte e Comunidade em uma perspectiva de Liberdade” apresento o campo de estudo que contextualiza a Pedagogia do Teatro proposta por Koudela (1998). Destaco Arte, Vida e Experiência a partir do olhar de Dewey (2010) e a definição de “comunidade” a partir de Bauman (2003), Kershaw (1992) e Nogueira (2007).

Ao integralizar Arte e Comunidade agrego também a dimensão de liberdade. É nesse contexto que Freire (1996) apresenta uma série de contribuições. Entre elas a superação de uma prática bancária, autoritária, pautada no depósitos de conteúdos para uma perspectiva libertadora que reconhece à assunção da identidade cultural dos sujeitos. Desse modo, busca-se exercitar as suas habilidades como seres pensantes, criadores e transformadores partindo de seus conhecimentos e realidades.

Assim, abre-se caminho para apresentar o terceiro tópico “O fortalecimento do tronco: Um trajeto de Ação-Reflexão-CriAção”. Nele Rangel (2015) destaca que o trajeto nasce da incessante troca que existe no campo imaginário entre as dimensões subjetivas e objetivas emanando do meio cósmico e social. O que consiste no movimento apoiado pelas Ações-Reflexões tem-se como referência Freire (1996), Streck et al. (2010) e também a pesquisa-ação. Ao inserir a Criação, proponho identificar a singularidade da minha proposta, considerando o movimento de AÇÃO-Reflexão-CriAção de modo a destacar o campo mais específico da Pedagogia Teatral composta no contexto do Arte e Comunidade.



Já no quarto tópico “O crescimento dos Galhos, Flores e Frutos: Para-Com-Por e Recompôr Processos Artístico-Pedagógicos” estabeleço o dialogo com Nogueira (2007), Coutinho (2007) e Ligiéro (2003) no sentido de compreender o campo do Teatro junto às comunidades como um espaço de intervenção significativo. Partindo de um processo de criação das dimensões inicialmente apresentas por Nogueira (2007) trago para o contexto do Arte e Comunidade uma proposta para-com-por e recompôr junto às comunidades considerando a formação de espectadores, a compreensão da comunidade como campo de pesquisa e o envolvimento nas questões que partem dos sujeitos envolvidos no processo.

No quinto tópico “As árvores” apresento as árvores do Teatro do Oprimido e do Arte e Comunidade identificando, assim, suas semelhanças e singularidades. Nesse contexto, além de Boal (2005), Maturana (2007) oferece contribuições.

Por fim, no tópico “Considerações em Processo: O Retorno as Sementes” busco apresentar uma síntese de parte das dimensões que envolvem A Pedagogia Teatral Arte e Comunidade e seus possíveis diálogos com a Árvore do Teatro do Oprimido.

2 O APROFUNDAMENTO DAS RAÍZES: A PEDAGOGIA DO TEATRO NO CONTEXTO DO ARTE E COMUNIDADE EM UMA PERSPECTIVA DE LIBERDADE

A Pedagogia do Teatro é um campo de estudo que considera o Teatro articulado a questões pedagógicas enquanto área de conhecimento que apresenta suas singularidades. A denominação Pedagogia do Teatro foi usada pela primeira vez no Brasil por Koudela (1998). Para a autora, a terminologia visou não apenas ampliar o universo de pesquisa na área, mas incluir na discussão os mestres do teatro bem como inseri-los na história da cultura. A proposta foi impulsionada com o intuito de entender o teatro ligado às questões educacionais em sua especificidade.

Assim, ao estabelecer a Arte como uma das raízes que fundamentam a Pedagogia Teatral Arte e Comunidade, e reconhecer a sua intrínseca relação com a vida cotidiana, faço destaque para a compreensão de Arte e Experiência como parte



importante do desenvolvimento de nossa concepção. “Toda a experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p. 122). Para além do confinamento em monumentos, museus, entre outros espaços convencionais, a Arte se faz presente em espaços cotidianos. “O leitor deve ser levado adiante [...] não pelo desejo irrequiesto de chegar à solução final, mas pela atividade prazerosa do percurso em si” (DEWEY, 2010, p. 62). E na busca de fazer desse percurso um ato prazeroso, proponho conectar arte, vida, saber e experiência em uma confluência orgânica que nos permite o tempo de degustar, fruir e ir devagar.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Bondía, 2002, p.24).

É no contexto de compreender Arte, Vida e Experiência como dimensões integradas que é marcada a minha vivência junto à dimensão Amazônica. Assim, em 2007 se inicia em Rondônia junto ao Programa Pró-Licenciatura em Teatro por meio da parceria entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e tem seu aprofundamento em 2013 quando assumo a função de professora efetiva do curso Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Nesse novo ciclo surge um processo de vivência junto às comunidades e nasce o Projeto Arte e Comunidade. E, assim, uma pergunta nos provoca: O que é comunidade?

Comunidade é um termo amplo que pode ser apresentado por meio de perspectivas diversas. Kershaw (1992) e Nogueira (2007) concordam que é possível compreender dois tipos de comunidade: local e de interesse. Na comunidade local, criam-se relacionamentos em rede por meio de interações próximas em uma área geograficamente delimitada. Já na comunidade de interesse, forma-se uma rede de associações que se caracterizam predominantemente pelo comprometimento em relação a um interesse comum.



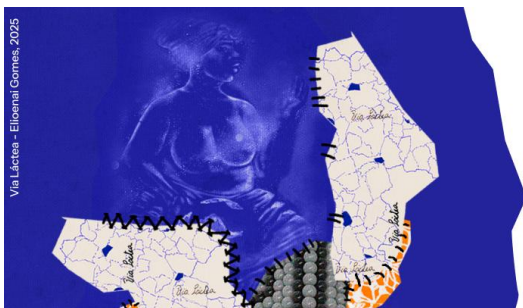
Nesse sentido, estas comunidades podem estar ou não delimitadas por um espaço geográfico particular. O que irá caracterizá-la será o reconhecimento de uma identidade – interesse comum de seus membros. Assim, a comunidade não se restringe somente a localidade, “a comunidade representa um espaço de articulação, uma arena para nossas experiências da vida social” (NOGUEIRA, 2007, p. 78).

Bauman (2003) abre a discussão colocando em destaque que a palavra “comunidade” já “sugere coisa boa: o que quer que comunidade signifique, é bom ‘ter uma comunidade’”, “estar em uma comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 7). A comunidade é um espaço confortável e aconchegante, local em que nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos e nos sentimos seguros a maior parte do tempo. Contudo, ainda para Bauman (2003), a comunidade é uma forma de mundo que não está ao nosso alcance, mas que gostaríamos de viver e esperamos vir um dia a possuir. A comunidade seria outra forma de designar “o paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (BAUMAN, 2003, p. 9).

Vale destacar que a busca pela composição coletiva tecida em conjunto a partir do compartilhamento sensível e do cuidado mútuo é como Bauman (2003) e nós definimos “comunidade”. É nesse contexto de dar continuidade ao processo de esperar e buscar por novas soluções que a Pedagogia Teatral do Arte e Comunidade vêm se estruturando, confiantes que podemos realizar a esperança e mantê-la pulsante por meio de nossas Ações-Reflexões-Criações cotidianas.

3 O FORTALECIMENTO DO TRONCO: UM TRAJETO AÇÃO-REFLEXÃO-CRIAÇÃO

Ao falar de trajeto, Rangel (2015) apresenta-se como fonte de inspiração. Para a autora, “o trajeto é a incessante troca que existe no campo imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social” (RANGEL, 2015, p. 9 apud DURAND, 1997, p. 41). Em nosso contexto, o trajeto compõe o movimento, o caminho e o caminhar costurando-se em processo, tecendo em conjunto rumo ao movimento de AÇÃO-Reflexão-CriAção.



Para tanto, considero o movimento proposto pelas Ações-Reflexões com base nas inspirações de Freire (1996), Streck et al. (2010) e também no âmbito da pesquisa-ação. Assim, Ação-Reflexão já é um movimento proposto por outros autores. Ao inserir a Criação, proponho identificar a singularidade da minha proposta, considerando o movimento de AÇÃO-Reflexão-Criação de modo a destacar o campo da Pedagogia Teatral composta no contexto do Arte e Comunidade. Assim, incluem-se tanto as dimensões pedagógicas como as especificidades do nosso campo de pesquisa, fundamentado na área de Artes. Dessa maneira, a inserção do termo Criação permite-nos aprofundamento, viabilizando Ações-Reflexões-Criações inovadoras em movimento espiralado para-com-por e recompor novos conhecimentos, obras de arte e saberes reformulados.

4- O crescimento dos Galhos, Flores e Frutos: Para-Com-Por e Recompor processos Artístico-Pedagógicos:

Para Bauman (2003), somos todos interdependentes e a superação das problemáticas apresentadas na atualidade só poderá se realizar coletivamente. É nesse contexto que dialogo com Nogueira (2007), Coutinho (2007) e Ligiéro (2003) no sentido de compreender o campo do Teatro junto às comunidades como um espaço de intervenção significativo.

Em primeiro lugar, o teatro se apresenta como uma linguagem artística que é essencialmente coletiva. Para Grotowski (1976), a essência do teatro se faz na relação, na comunhão ao vivo, no instante único que possibilita o encontro entre atores e espectadores. Desse modo, compreendemos que, por essência, a arte teatral é coletiva.

Nogueira (2007) contribui ao estabelecer que o “Teatro **para** a comunidade” caracteriza-se pela partilha das obras teatrais no espaço comunitário por grupos externos a ela. Geralmente, o principal objetivo desses coletivos, ao adentrarem o espaço na comunidade, é viabilizar o processo de recepção da obra, sem muito comprometimento com as questões que envolvem a realidade local vivenciada.

Já o “Teatro **com** comunidade” costuma ser identificado por aqueles grupos teatrais que têm interesse em realizar um processo de pesquisa na comunidade com



o intuito de compor, no momento posterior, suas obras, especificamente com o seu grupo de artistas.

No “Teatro **por** comunidade”, o coletivo de artistas envolve-se nas questões apresentadas no contexto comunitário e busca maneiras de incentivar que as problemáticas, desejos e sonhos sejam discutidos coletivamente e levados para cena com a participação dos membros da comunidade.

Na perspectiva trabalhada pela Pedagogia Teatral Arte e Comunidade buscamos congregar o que há de potencialidade em cada uma delas. Assim, vislumbramos o Teatro **para-com-por** e **recompôr** junto às comunidades, pois em nosso contexto no teatro **para** a comunidade pode-se compreender a fundamental importância do processo de fruição de obras artísticas para a formação dos espectadores, conforme propõe Desgranges (2006) e Koudela (2010).

No Teatro **com** a comunidade, há o entendimento do contexto comunitário se apresentar como um campo de pesquisa, que acreditamos ser considerado de grande relevância. Sentimos uma grande identificação também com o Teatro **por** comunidade, que assim como Boal (2005), busca partir das questões da própria comunidade, pensar soluções coletivas e levá-las para a cena.

Quando falo em recompôr, considero que depois de desenvolvidas as experiências **para-com-por**, os participantes do processo já se conhecem. Assim, é possível ampliar as possibilidades de intercâmbio, reconhecendo as potencialidades dos saberes que partem da comunidade para a universidade. Nesse sentido, ao conectarmos os campos **para-com-por** e **recompôr**, expandimos as possibilidades de troca de conhecimentos em uma dimensão horizontalizada.

5- As árvores

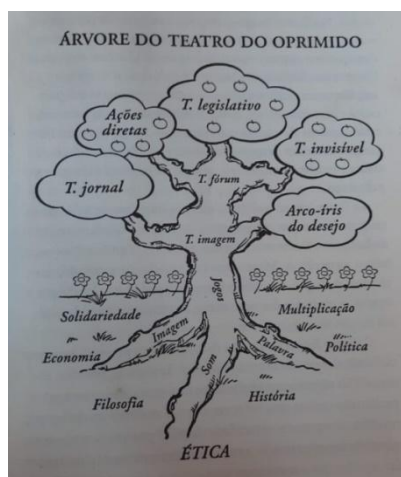
Para Maturana (2007), a vida é um processo de conhecimento. A questão proposta pela Árvore do conhecimento é que vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele. Coabitamos com a natureza, compartilhamos com ela o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também se constrói ao longo desse trajeto comum. E, assim, “nossa trajetória de

vida nos faz construir nosso conhecimento no mundo – mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito. (MATURANA, 2007, p. 10).

A proposta da Pedagogia Teatral Arte e Comunidade caminha no sentido de valorizar a arte de viver em comunhão com a natureza. Vivenciar experiências teórico-práticas com o intuito também de buscar compreender o sistema de complexidades presentes na formação de coletivos junto às comunidades. Assim, brota a árvore como metáfora em nosso trajeto. A nossa árvore nasce em 2015 pelo diálogo das experiências vivenciadas junto aos semeadores no contexto dos encontros de pesquisa. Naturalmente, em nossa ciranda de cultura, uma orientanda desenhou a primeira versão da árvore e me entregou. Quando ela foi concebida, não pensamos na relação com a árvore do Teatro do Oprimido proposta por Boal, porém a partir de 2023 busco estabelecer essa relação.

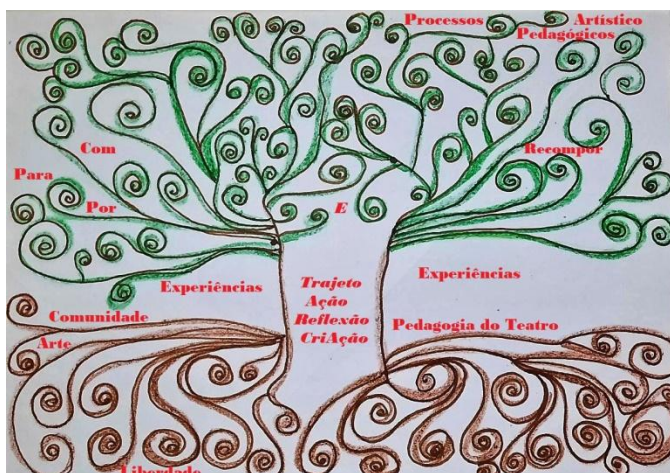
Assim, nasceu a Árvore do Teatro do Oprimido, a mais aprazível metáfora para um método que descobre seu caminhar a cada passo que dá. Nada melhor que um ser vivo para representar a vida que pulsa nos enredos da metodologia. Uma raiz forte, um caule robusto e uma copa cheia de ramos com folhas dão hoje significado e unidade às partes distintas, porém conectadas e colaboradoras entre si (Sarapecck, 2016, p. 50).

Figura 1 – Árvore original do T.O



Fonte: Boal (2005, p. 17)

Figura 2 – Arvore Arte e Comunidade



Fonte: Criação da autora (2023)

As relações de cooperação presentes na Árvore do T.O também se fazem presentes na árvore do Arte e Comunidade. Contudo, em nosso caso, não direcionamos ou identificamos métodos específicos, pois consideramos uma especificidade da identidade de nosso trabalho: propomos a formação de criadores,



não somente de obras de arte, mas também de metodologias. Elas são criadas a partir do diálogo com as comunidades que, junto à nossa equipe, poderão eleger os melhores caminhos que serão seguidos coletivamente.

O importante é estabelecer princípios que orientarão os caminhos para se chegar à realização do objetivo proposto. Ao considerar que o princípio “é a unidade molecular que ao ser retirada da obra e do seu pensamento lhe esvazia sentido, configuração e vitalidade” (Rangel, 2006, p. 3), destacamos em nossa Árvore os princípios norteadores da Pedagogia Teatral Arte e Comunidade.

Assim, a nossa árvore (Figura 2) estrutura-se conforme descrito a seguir. As Raízes sustentam a árvore e a dimensão proposta pelo trabalho por meio dos princípios da Pedagogia do Teatro, Arte, Comunidade e Liberdade. Dessa maneira, são apresentadas metodologias múltiplas que poderão ser compreendidas como possibilidades de inspiração no campo da dimensão de Arte, Vida e Experiência conforme no propõe Dewey (2010). Comunidade como um espaço de acolhimento mútuo que considera a aceitação incondicional do outro – na busca por compreender o seu campo singular de significação –, de modo a estabelecer conexões que valorizam a diferença no processo de composição de um coletivo potente.

Assim, reverberamos a potencialidade de novas criações em um Trajeto de Ação-Reflexão-Criação Para-Com-Por e Recompôr processos artísticos pedagógicos e experiências. A liberdade é, por um lado, a síntese a que chegamos ao propor os princípios freirianos também como base de sustentação. Um trajeto de formação artístico-pedagógico como prática, reflexão, e criação em liberdade é o que dará sustentação à formação de nossos criadores. Isso contempla a capacidade de criar obras de arte e metodologias condizentes com o contexto em que se inserem em cada coletivo, localidade e momento histórico que se fizerem presentes.

No tronco, localiza-se o trajeto de AÇÃO-Reflexão-Criação em movimento de expansão. Elas serão discutidas reverberando os princípios propostos, bem como as problemáticas identificadas, os desejos e sonhos estabelecidos coletivamente. Assim, os caminhos que serão seguidos dependerão dos objetivos propostos pelo grupo.



Nos galhos há a representação dos aspectos composicionais que o processo pretende desenvolver, isto é, Para-Com-Por coletivos inspirados na criação de metodologias, obras de arte, oficinas, rodas de conversas, contação de histórias, cortejos, intervenções, jogos, dramaturgias, cantorias e tudo que desejarem em conexão com o tronco. Ele proporcionará o constante movimento espiralado de AÇÃO-Reflexão-Criação.

A cada encontro se realizarão processos de criação Para-Com-Por de modo a expandir para um campo da conjunção “E” das folhas, que sintetizam a luz, o sol, realizam a fotossíntese e, que por sua vez, possibilitam o desabrochar das flores. Essas, com todo o seu esplendor, imbuídas de seu encantamento e possibilidades de despertares sinestésicos, viabilizarão a transformação no caminho de Recompôr as dimensões criadas. E, assim, gerar frutos, novos processos artístico-pedagógicos que acolherão sementes repletas de experiências. Em um processo de cooperação simbiótico, naturalmente, proporcionarão a autossustentação da Pedagogia Teatral Arte e Comunidade.

6- CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO: O RETORNO AS SEMENTES E SUAS EXPERIÊNCIAS

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher. Cora Coralina²

Ao identificar os princípios que fundamentam o trabalho, é possível mergulhar na definição de “comunidade” pela perspectiva discutida por Bauman (2003). A comunidade é considerada como um espaço confortável e aconchegante, local em que nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos e nos sentimos seguros a maior parte do tempo. E, conforme Bauman (2003), para alcançar o contexto comunitário no mundo dos indivíduos na atualidade, ela só é possível se for tecida em conjunto por meio do compartilhamento e do cuidado mútuo. Junto a uma diversidade de sujeitos, encontro nas artes – em especial no teatro que se estabelece como uma linguagem essencialmente coletiva – os passos composicionais de nosso trajeto.

² Deponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTA2Nw/>. Acesso em: 25 de junho de 2025.



Assim, o Teatro se apresenta no centro do trabalho, porém aberto ao diálogo com as demais linguagens; por isso falamos em Arte. Se a arte reinventa a realidade, como nos propõe Boal (2009), e a composição da comunidade se estabelece tecida em conjunto, como propõe Bauman, a integração entre Arte e Comunidade pode sugerir formas coletivas para-com-por e recompor novas realidades e experiências.

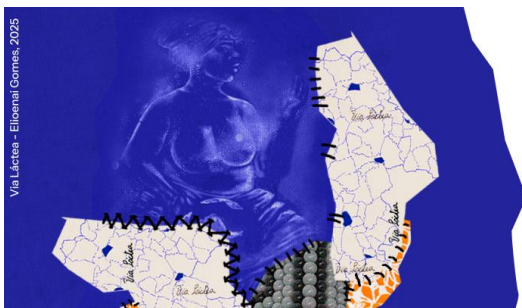
As experiências rebrotam das sementes que estão armazenadas nos frutos e já se encontram preparadas para ir ao solo para semear novos contextos. Quando destaco a importância de reconhecer a Pedagogia do Teatro como um campo de estudo que relaciona o Teatro a questões pedagógicas, estou assumindo que não há uma hierarquização de um campo em relação ao outro. Estamos envolvidos na criação tanto de práticas artísticas quanto pedagógicas em um contínuo movimento de expansão. Buscamos a formação de semeadores, professores-pesquisadores-artistas engajados e motivados pela curiosidade e desejo de descobrir, criar e recriar junto às comunidades que nos afetam.

Dessa maneira, conforme nos orienta Boal (2009), a multiplicação dos artistas propõe uma nova aura na concepção da Estética e da Arte: “Aura de um novo mundo que sabemos que é possível” (BOAL, 2009, p. 47) em um trajeto que integra a singularidade dos sujeitos, os conhecimentos que trazem consigo e suas potencialidades, de modo a intercambiar obras de arte, processos artístico-pedagógicos, relações humanas e contextos coletivos para-com-por e re-compor junto às comunidades. Para tanto, viabilizamos o aprofundamento de nossas raízes considerando Arte, Vida e Experiência no contexto de intercâmbio entre Comunidade e Universidade integralizando uma perspectiva de Liberdade em um constante movimento de AÇÃO-Reflexão-CriAção em expansão que, em processo, compõe o trajeto da Pedagogia Teatral Arte e Comunidade.

REFERÊNCIAS

Livro

- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.



- DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo; Martins Fontes Editora. 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um Teatro pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- KERSHAW, Baz. *The politics of performance: Radical Theatre as Social Intervention*. Londres: Routledge, 1992.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *A ida ao teatro*. Programa Cultura é Currículo. São Paulo: [s. n.], 2010.
- LIGIÉRO, Zeca. *Teatro a partir da comunidade*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.
- Maturana, Humberto R. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo, SP : Palas Athena, 2003.
- STRECK, Danilo R. et al. *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Trabalhos acadêmicos (TCC, relatórios, dissertações, teses)

- COUTINHO, Marina Henriques. *A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade-sujeito*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://web02.unirio.br/sophia_web/index.php?codigo_sophia=25106. Acesso em: 23 mar. 2022
- SARAPECK, Helen. *Abraçando a árvore do teatro do oprimido: pesquisa e memorial de experiências com o símbolo do método*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino das Artes Cênicas). Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro (UniRio), Rio De Janeiro, 2016.

Artigo em periódico

- LIGIÉRO, Zeca. *Batucar-cantar-dançar: desenhos das performances africanas no Brasil*. Aletria: Revistas de Estudos da Literatura, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1573>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

Trabalho em anais de evento

- NOGUEIRA, Marcia Pompeo. *Tentando definir o teatro na comunidade*. In: IV REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS (ABRACE). Anais [...], 2007. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/15973/10426>. Acesso em: 20 nov. 2020.